

Das coisas nascem coisas

[MUNARI, Bruno. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 380p.]

Joseane Maria Parice Bufalo *

Trata-se de um livro escrito por um artista plástico.

É uma obra dedicada especialmente aos *designers*¹, no entanto, a maneira como o autor trabalha o tema estabelece um diálogo com os leitores de muitos campos do conhecimento.

Sua leitura é peculiar, pois tem uma organização inovadora entre os seus conteúdos e o modo como são apresentados. Com formatos de letras em vários tamanhos, em vários sentidos, e não obrigatoriamente como no código de leitura ocidental que se dispõe da esquerda para a direita. Além de muitas imagens em fotos, em desenhos técnicos de projetos, fotomontagens, desenhos artísticos, imagens de sistema gráfico de comunicação visual e esquemas. Dizendo assim, pode até parecer um receituário ou um manual, mas não se trata disso, e sim, de um texto que nos leva a rememorar conhecimentos e a construir outros.

Ao trabalhar desta maneira, o autor polariza com o nosso olhar treinado para as formas bidimensionais, que compõe o universo da leitura e da escrita e propõe um rompimento nessa forma de as pessoas verem o mundo, no sentido de enxergarem dimensões novas, ou por vezes esquecidas, ou ainda não utilizadas nas construções de projetos.

O pano de fundo que permeia esta obra é a questão da metodologia de projetos. E Munari aborda este assunto afirmando que é necessário ter conhecimentos sobre metodologia, enfatizando também, e não apenas, a utilização da criatividade na construção de um objeto. Mas que ela não deva ser uma improvisação sem método.

Como parte desta metodologia, o autor debate nos diferentes campos do conhecimento com temas tais como: culinária, mobiliário, espaços públicos e privados, objetos de trabalho, objetos de decoração, brinquedos, jogos, livros, veículos, ruas e imagens em geral.

* Professora de creche da rede municipal de Campinas e doutoranda da FE/Unicamp. jobufalo@ig.com.br

1. Definição do próprio autor: para Munari, o verdadeiro designer é capaz de projetar objetos com funções necessárias, e que as pessoas queiram comprar porque são bem projetados.

Assim, o assunto que é apresentado neste livro é bastante complexo; o autor o desenvolve em 380 páginas para dizer o que se poderia entender como óbvio: *As coisas nascem de outras coisas*. Sim é lógico! Mas não é, pois o autor tem que explicar isto através de diversas áreas do conhecimento e de muitas atuações profissionais.

Munari então, vai desenvolvendo suas idéias a partir do seguinte pressuposto: quando se formula algo, ele nasce, por assim dizer, de objetos e de conhecimentos que já existem na trajetória da humanidade. É um conhecimento coletivo que move as pessoas, mesmo que elas não se dêem conta de tal perspectiva.

Deste modo, o autor enfatiza no trabalho, como um todo, que é necessário *humanizar as coisas* e não *coisificar a humanidade*. Em um dos capítulos deste livro, ele fundamenta essas idéias, justificando que o responsável pelo projeto deve considerar todos os sentidos:

Uma coisa que aprendi no Japão é justamente esse aspecto de projetar que leva em conta todos os sentidos do observador, pois quando ele se encontra perante o objeto ou o experimenta, sente-o com todos os sentidos (p.373).

Isto remete ao texto de Pasolini² “Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas”, em que este faz toda uma argumentação sobre a influência visual das coisas na formação das pessoas. Com as coisas aprende-se o autoritarismo e a repressão. Pois não há diálogo, a relação é inarticulada, fixa, incontestável.

Por isso, os dois autores, Munari e Pasolini, enfocam a necessidade de se transpor a “naturalidade” apresentada pelas coisas, chamando a atenção para o modo como as pessoas são educadas pelo mundo em que vivem.

Munari também chama a atenção para a necessidade de se ter conhecimentos específicos para as construções dos objetos, e exemplifico aqui com um dos temas trabalhados nesta obra: livros para as crianças que ainda não lêem. Ele fala sobre as crianças, em especial as bem pequenas, e a partir de pesquisas científicas sobre elas, é que constrói uma novidade para estas pessoas: os pré-livros.

Os pré-livros compõem uma coletânea de 12 livros em que todos têm o mesmo tamanho e formato, “como os volumes de uma enciclopédia que contém todo o saber ou, pelo menos, muitas e diferentes informações” (p.223-224). No entanto, a grande riqueza dessa coleção é que um livro é diferente do outro, eles apresentam sensações táteis, térmicas, sonoras, olfativas. Assim, estes pré-livros têm texturas, movimentos, cores, narrativas, sons e temperaturas. As mensagens destes livros são diferentes umas das outras: histórias a serem inventadas, história natural, geometria, ou ainda, um truque de mágica e uma ficção científica.

2. PASOLINI, P. P. *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O autor narra que ao deparar-se com o tema *livro para as crianças bem pequenas*, verificou, através de pesquisas, que oferecer livros para esse público é muito importante e diferente do que é fazer um livro para quem já domina as letras, e que, para formular tais produtos, é preciso fazer um levantamento de materiais disponíveis no mercado.

Assim, a partir de livros já existentes na sociedade, que valorizam quem domina o código escrito e da composição de diversos materiais, elaboraram-se obras para as crianças verem.

Mas pensar em elaborar um livro, por exemplo, para uma criança que ainda não lê? Por que fazê-lo, se os livros são para serem lidos? Aí é que está, existem pessoas de pouca idade que ainda não têm essa dimensão, mas têm milhares de outras que são próprias das crianças e que os adultos podem não se dar conta.

Eis alguns comentários sobre os pré-livros:

Um livro transparente. Quando fechado, vê-se uma pequena coroa de bolinhas amarelas; quando se abre, a pequena coroa decompõe-se, as bolinhas separam-se e voam. Quando se fecha o livro reaparece a pequena coroa amarela. Um truque de mágica? (p.224).

Um outro ponto fundamental deste livro *Das coisas nascem coisas* é a questão da leitura de imagens. Isso é uma discussão que o autor aborda o tempo todo. É necessário *observar* o que já existe no mundo para irmos além dele.

Pois para conseguir saber que de uma coisa é possível ver que nasce outra e qual é esse percurso e o seu produto, é necessário um refinamento do olhar sobre vários aspectos teóricos e sob diversas perspectivas.

Assim, ao destacar a exploração dos sentidos como aspecto fundamental da criação humana, Munari encerra o livro fazendo a seguinte observação:

Se projetarmos algo que tenha também um bom sentido tátil, as pessoas sem perceber voltarão a usar aquele que é um dos sentidos mais acurados. Se, além disso, levamos em conta os outros sentidos, as pessoas pouco a pouco irão se habituar à experiência de que existem receptores sensoriais para conhecer o mundo em que vivemos.

As crianças sabem disso bem e seu conhecimento inicial do mundo é sensorial global. Também por essa razão projetei os pré-livros, para as crianças que ainda não sabem ler, mas que estão conhecendo o mundo com todos os sentidos, enquanto os adultos esqueceram para que servem. (p. 374-375).

É a partir deste referencial, ou seja, através das sensações e percepções que os sentidos impulsionam, que o autor propõe a leitura do mundo. E nos faz exercitar

o olhar para uma criatividade, que integra os elementos da natureza e as tecnologias nos tempos e nos espaços cotidianos. O que pode nos levar para além da reprodução, exercitando a criação.

Recebido em 20 de outubro de 2005 e aprovado em 03 de novembro de 2005.